

HISTÓRIA DE VIDA: TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DOCENTE DE UMA PROFESSORA DE CIÊNCIAS

ANA LÚCIA CARVALHO VALIENGO
MARILENA SOUZA ROSALEN

RESUMO

O presente artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de uma ex-aluna do curso de Licenciatura em Ciências, da Universidade Federal de São Paulo, que era professora substituta de Ciências da rede pública do estado de São Paulo, no município de Diadema, enquanto realizava o curso e se baseia na história de vida, considerada uma importante fonte de informação sobre a prática profissional docente, segundo Nóvoa (1992). Assim, o objetivo deste trabalho é relatar e analisar a experiência construída no ambiente escolar, durante sua trajetória de formação acadêmica e na prática profissional docente, conhecendo o processo de construção dos seus saberes profissionais, oportunizando uma reflexão sobre o processo de formação de novos professores e sua influência na relação professor-aluno nas aulas de Ciências. **Palavras-chave:** Relato de Vida; Formação Docente; Prática Docente.

ABSTRACT

This article is part a former student Course Work Completion of the Bachelor of Sciences Course, Federal University of São Paulo, who was a substitute teacher of Sciences, the public schools of São Paulo, Diadema, and it is based on the story of life considered an important source of information on teacher professional practice, according Nóvoa (1992). The objective of this study is to describe and analyze the experience built within the school environment during their training course, the teaching professional practice, knowing the process of building

their professional knowledge, providing opportunities to reflect on the process of formation of new teachers and their influence the teacher-student relationship in the Sciences class.

Keywords: Life Story; Formation Docent; Docent Practice.

1 - INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso de uma aluna do curso de Licenciatura em Ciências, da Universidade Federal de São Paulo, que era professora substituta de Ciências da rede pública do estado de São Paulo, no município de Diadema, enquanto realizava o curso e se baseia na história de vida, considerada uma importante fonte de informação sobre a prática profissional docente, segundo Nóvoa (1992).

O método de história de vida tem sido usado nas ciências humanas para captar a face interna da experiência humana, conhecer o rearranjo e a reapropriação do social que cada pessoa faz em seu relato e apreender as continuidades e rupturas reconhecidas pela pessoa (Marre, 1991). Narrativas autobiográficas funcionam como contextos de produção de significados pessoais a respeito de situações social e historicamente vividas e criadas no espaço comum das pessoas, nas trocas dialógicas que elas estabelecem (Hermans; Hermans-Jansen, 1995; Wang; Brockmeier, 2002).

Meihy (1996), classifica os tipos de relatos narrativos como modalidades: história oral de vida (narrativa da totalidade de experiência de vida de uma pessoa); história oral temática (recorte da história de vida do ator sobre a temática estudada) e tradição oral (relacionada às manifestações do passado sobre o folclore e a transmissão geracional). Para Queiroz (1988, p. 19), a história de vida insere-se no campo da história oral e pode ser definida como “[...] o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu [...]”.

A história de vida é, atualmente, uma importante fonte de informação sobre a prática profissional docente (NÓVOA, 1992). Desta forma, a narração e análise da trajetória de vida profissional docente, realizada sob este referencial teórico, tem o intuito

de contribuir no processo de formação de novos professores. Com relação à formação de professores, Nóvoa (1988) afirma que no campo da literatura pedagógica, a obra ‘O professor é uma pessoa’ destaca grande importância e significado frente à transposição de outros momentos e movimentos sobre o processo de formação. Desta forma, os vários estudos e publicações sobre a vida dos professores, carreiras e trajetórias de formação, com base na utilização de biografias e autobiografias, revelam-se como de importante valor, pois potencializam recolocar os professores como cerne do debate sobre as pesquisas educacionais (SOUZA, 2006, p.11).

Além de Nóvoa (1992), Schön (1992), Pérez-Gómez (1992), Garcia (1992) e Perrenoud (1993), também demonstram o valor dos conhecimentos trazidos pelas histórias de vida, sobre a prática profissional docente, como um importante instrumento de reflexão para o processo de formação profissional.

Na área da educação é comum adotar-se história de vida em pesquisas, especialmente o método autobiográfico e narrativo, com intuito de investigar a formação inicial e continuada do professor, privilegiando a complexidade da trajetória de vida do sujeito-professor.

2 – TRAJETÓRIA

Em 2012, quando iniciei o curso de licenciatura, passei por muitos percalços e o pior de todos, vinha daqueles que deveriam ser os maiores motivadores: os professores. Alguns desanimavam os alunos que apresentavam dificuldades e baixo rendimento e em exatas, eu me incluía, nos de baixo rendimento.

Como escutava que cursar UNIFESP não era para qualquer um, diante das primeiras notas em física e matemática, a primeira coisa que vinha a mente, era que realmente não tinha capacidade para estar naquela universidade. Nesse momento de total sentimento de incapacidade, surgiram em minha vida acadêmica, duas professoras, de Introdução ao Ensino e Educação e de Biologia I, que me incentivaram e motivaram-me a continuar em frente e me fizeram-me lembrar das queridas professoras da época em que cursei ensino fundamental e médio e que me inspiraram pela

escolha da profissão de professora por motivos que relato nesse trabalho, precisei adiar por alguns anos a por em prática minha decisão de tornar-me professora.

Dessa forma, duas professoras foram peças importantes em minha vida, continuei na licenciatura e também me influenciaram na prática docente. Convivendo com elas, quebrei paradigmas e me tornei uma docente autônoma e crítica-reflexiva.

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) também foi de grande importância em minha formação, inserindo-me no cotidiano escolar e proporcionando a oportunidade de práticas docentes inovadoras e interdisciplinares, com o objetivo de buscar a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem.

A partir da criação e aplicação do primeiro projeto, tive certeza que estava no caminho certo e que era possível, em meio a tantas adversidades, unir o que aprendemos durante o curso de formação à realidade da sala de aula.

A tarefa de unir e reelaborar esse conhecimento a partir da minha própria prática não é fácil, mas é um caminho que faremos diariamente e incessantemente, durante minha prática pedagógica e que eu relato no decorrer do trabalho.

3 - DO PASSADO PARA O PRESENTE

Durante minha infância sempre gostei de brincar de escolinha, imaginava-me lecionando, inspirando-me em minhas professoras. Comecei a me desestimular quando minha irmã mais velha fez magistério e via as atividades manuais que precisava desenvolver nas quais sempre fui péssima. Minha segunda opção foi fazer técnico em contabilidade e assim poderia trabalhar e ajudar minha família. Terminei o curso e comecei a trabalhar na área financeira, pois naquele momento da minha vida e do país era impossível iniciar uma graduação em um curso de licenciatura.

Nasci e morei no Rio de Janeiro até 1988. Quando casei, mudei-me para São Paulo, onde trabalhei nas áreas da construção civil e financeira. Tive duas filhas e só em 2012, aos 45 anos, quando minhas filhas estavam crescidas e o país promoveu mudanças na educação, criando várias possibilidades de ingressar

em uma universidade pública, então finalmente ingressei na UNIFESP, no curso de Licenciatura em Ciências, quando finalmente comecei a realizar o sonho de ser professora.

O primeiro semestre da graduação, foi seguido de muitas frustrações, sensação de incapacidade e vontade de desistir de tudo, principalmente devido a uma longa greve docente e a tensão pelo volume de conteúdos e provas. Com a motivação de alguns professores, aos poucos fui relaxando, controlando-me emocionalmente na hora das provas, porque o que importava eram as notas e não o que aprendíamos de fato.

Luckesi (2010, p. 42) diz que,

Para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação. A avaliação deixará de ser autoritária se o modelo social e a concepção teórico-prática da educação também não forem autoritários. Se as aspirações socializantes da humanidade se traduzem num modelo socializante e democrático, a pedagogia e a avaliação em seu interior também se transformarão na perspectiva de encaminhamentos democráticos.

No primeiro ano iniciei um projeto pelo PIBID, com a Professora Marilena Rosalen, que me deu uma grande oportunidade e fez com que me sentisse capaz e mais motivada. Dessa forma comecei a sentir-me mais feliz e que valeria a pena continuar na graduação e finalmente exercer a profissão que sonhara.

A vontade de ser professora, desde a infância, foi mencionada pela professora. Porém a escolha por um curso técnico foi tomada quando tinha que optar entre o magistério, curso que exigia habilidades das quais acreditava ser primordial ou o curso de contabilidade, que me daria um diploma e poderia ingressar no mercado de trabalho.

Diante do exposto – escolha entre o magistério e o curso técnico, observamos que a origem social da professora, as condi-

ções e oportunidades para poder prosseguir com os estudos, bem como as condições e necessidades financeiras da família foram consideradas ao desistir, naquele momento, da carreira docente.

A construção da identidade profissional dos professores e do seu saber-fazer, passa por diferentes momentos, uma vez que, “[...] o ajuste dos professores à sua nova profissão depende, pois, em grande medida, das experiências biográficas, dos seus modelos de imitação anteriores, da organização burocrática em que se encontra inserido, dos colegas e do meio em que iniciou a sua carreira docente.” (MARCELO GARCIA, 1999, p.118).

Para Goodson (1995, *apud* JUNGES, 2005, p. 57),

Os estudos referentes a vida do professor podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo.

A história de vida do ser humano está ligada à história da sociedade, uma vez que, muitos acontecimentos da vida pessoal, decisões e atitudes estão vinculados ao momento e ao contexto que a sociedade está vivenciando. Portanto, a análise e a narração da trajetória de vida contribuem para a formação dos educadores, uma vez que, possuem um importante valor para o enriquecimento acadêmico e para a prática profissional.

4 - RELATO E ANÁLISE DE TRÊS EXPERIÊNCIAS DOCENTES

Ao desenvolver esse trabalho, optou-se pelo método autobiográfico, dando voz à professora, para conhecer e analisar **três** experiências DE UMA PROFESSORA INICIANTE na prática docente, como substituta na disciplina de Ciências em escola pública estadual na cidade de Diadema.

A seguir, passo a relatar e a analisar três experiências de práticas pedagógicas em três diferentes anos, que são narrativas da autora do trabalho – Ana Lúcia Valiengo.

1º - EM 2013

Atuando como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), com mais duas colegas bolsistas, desenvolvemos um projeto sobre sustentabilidade em aulas vagas, com alunos dos 8º anos A e B. Duas turmas bem barulhentas, difícil de conseguir a atenção e o envolvimento nas atividades, principalmente por se tratar de aula vaga e por isso precisávamos desenvolver o projeto utilizando estratégias diferenciadas que despertassem o interesse. Assim optamos por atividades de pesquisa em grupo na sala de informática, ou seja, fora da sala de aula. Animaram-se também com o objetivo das pesquisas, que era a produção de um vídeo, o roteiro e escolha dos personagens. Os personagens, após indicação dos interessados, participaram de um sorteio, sem a interferência e a influência dos professores. Quanto à filmagem, foi realizada por um convidado, profissional de uma TV, detalhe que os animou ainda mais. Durante as atividades, o aluno Y.S., causava muito problema de comportamento, mas acabou se envolvendo no projeto a ponto de se candidatar a vaga de um dos personagens, o que surpreendeu a turma e até a coordenação. A turma se manifestou dizendo que ele não poderia, devido ao comportamento durante os encontros e também em outras aulas e com os colegas. Precisamos intervir, lembrando-lhes que escolhemos sorteio, para não privilegiar ou prejudicar ninguém por nenhum motivo, fosse ele qual fosse. Realizamos o sorteio e o aluno Y.S. foi um dos sorteados para participar do vídeo como protagonista, o prefeito, que visitava a escola, durante sua campanha eleitoral. A coordenadora e demais professores se espantaram quando viram Y.S. na gravação. Comportou-se e ainda decorou todo o texto com responsabilidade. Percebemos a dificuldade para decorar e até pronunciar algumas palavras do roteiro, porém não desistiu diante das dificuldades. A partir desse vídeo, Y.S. fez sucesso de uma maneira positiva e nos ensinou que atitudes simples, podem promover a mudança de um aluno. (<https://www.youtube.com/watch?v=6KK6gVlljQY> - acesso em 25/10/2016)

Durante essa experiência foram desenvolvidas diversas atividades, dentre elas, há inclusive, um vídeo, que foi muito bem aceito pelos alunos.

Esta primeira vivência em sala de aula foi vivenciada com outras duas colegas do curso de licenciatura / PIBID, foi bastante planejada e acompanhada pela coordenadora do PIBID. Assim, tínhamos respaldo para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. No entanto, nem tudo aconteceu exatamente como tínhamos planejado e tivemos que ser flexíveis, pois: “Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisas e de comunicação (MORAN, MASETTO, BEHRENS, 2001, p. 29).

Esta turma me mostrou que o currículo precisa ser o aluno. E neste sentido, na reflexão da primeira experiência entendi que não haveria modelo na profissão docente, mas que eu precisaria me adaptar às diferentes realidades das turmas e das escolas, aprendendo sempre.

O professor, um ser inacabado por excelência, deve se ater às inúmeras inquietações das necessidades de seus aprendizes, de tal sorte a oferecer caminhos mais amplos e possibilidades educacionais que reflitam os valores essenciais do ser, respaldados na justiça, respeito, moral e ética (LIMA, 2013, p. 89-90).

Mesmo sendo uma primeira experiência, não reproduzimos o método tradicional, utilizado na maior parte do tempo da nossa educação escolar. Buscamos estratégias que pudessem envolver os alunos e favorecer colaboração, criatividade e criticidade. Realizamos pesquisa na internet, no laboratório de informática e em pequenos grupos, os alunos escreveram o roteiro do vídeo. Foi visível a alegria dos alunos com o vídeo produzido.

2º - EM 2014

Sentindo-me mais segura, assumi algumas classes, como professora substituta de ciências, em uma escola estadual do município de Diadema, onde a maioria dos alunos pertencia à comunidade do Jardim Miriam, bairro muito carente e violento. Uma das turmas me causou espanto devido à extrema bagunça e descaso com a entrada de um professor em sala de aula. Apresentei-me, mas ninguém escutou, tentei escrever no quadro negro, também não deu certo, um aluno que cantava funk bem alto, levantou-se e apagou tudo que escrevi. Sentei-me e os alunos da frente me contaram que ele fazia o mesmo com vários professores e que eu deveria preencher uma advertência. Não consegui fazer a chamada, mas identifiquei o líder que apagava o quadro e cantava, com a ajuda dos alunos; se trava de L.M. Seguiu cantando a cada tentativa de explicação, seu grupinho tumultuando e eu parada ali na frente, pensando o que deveria fazer. A solução não seria tirá-lo da sala de aula, com mais uma advertência e quem sabe uma suspensão; afinal ele continuava ali fazendo as mesmas coisas. Saí desanimada, sequer consegui me comunicar e pela frente, um grande desafio. No segundo dia, entrei, cumprimentei a classe, mas só alguns conseguiram escutar, comecei a circular pela sala e observei que a maioria dos alunos que causaram problemas ficava com o celular ouvindo música ou jogando. O aluno L.M. que cantava e apagava tudo que eu escrevia, nesse dia observou que eu possuía um Iphone no bolso da minha calça e gritou: “Professora me empresta seu Iphone para jogar?” “Respondi:” Posso emprestar, mas com duas condições: Você precisa ficar aqui perto da minha mesa e diminuir o som para eu conseguir falar com a turma” Ele concordou e os amigos ficaram perplexos ao me ver entregando o celular. Assim consegui ministrar a primeira aula no 8ºG, mas transgredi uma regra da escola que proibia a utilização de celular durante as aulas, em benefício de 35 alunos, precisava dar exemplo, reverter minha postura e continuar com o mínimo de silêncio para uma

aula. Na terceira aula, assim que entrei em sala, L.M. pediu o celular, então consegui conversar com eles. Expliquei sobre os problemas que deveríamos resolver. Eu poderia emprestar o celular mas que os outros também tinham o direito. Ele precisava fazer alguma atividade para eu justificar suas notas. Finalmente, as normas da escola que proibia a utilização do celular, durante as aulas, dessa forma nem eu nem eles poderiam utilizá-lo, porque devemos cumprir regras e leis estabelecidas. Para que entendessem, perguntei ao L.M. se um amigo da escola fosse à sua casa, se poderia mexer no que quisesse. Respondeu que não, porque algumas coisas ele não ia permitir. Expliquei que o colega precisava respeitar as regras da casa dele, logo eu e eles precisávamos também respeitar as regras da escola. Nesse momento consegui a atenção de todos, aproveitei e combinei uma regra para nossas aulas: "Se todos colaborassem durante as aulas, de maneira que eu conseguisse falar e permitissem que os colegas interessados em fazer as atividades propostas, as fizessem com o mínimo de silêncio, encerraria a aula com antecedência de 15 min. permitindo que todos ficassem livres para mexer no celular entre outras coisas. Todos concordaram e a partir daquele dia conseguimos desenvolver várias atividades durante o ano e LM mudou radicalmente seu comportamento nas aulas de Ciências, mas continuava recebendo advertências e suspensão em outras aulas, pois seus colegas me contavam quando percebia sua ausência. De uma forma nada convencional, consegui a atenção da classe e que L.M. se interessasse e realizasse atividades além de influenciar os colegas que se divertiam com seu comportamento e ajudavam a tumultuar, copiando suas atitudes. L.M. Nas aulas que se seguiram, quando L.M. me pediu o celular, nos 15 min. que tinha direito, mostrei que não tinha mais jogo, porque meu celular estava velho e não aguentava tantas coisas, dessa forma precisava utilizar o dele. Percebi que L.M. não mudou seu comportamento com outros professores, pois percebia sua ausência e me contavam que fora suspenso. Devido a pouca experiência

e ainda por perceber a postura da equipe gestora e de muitos professores, não me senti segura para compartilhar essa experiência.

Nesta experiência transitei entre a autocrítica e a crítica do todo; entre os textos teóricos discutidos na universidade e as dificuldades da sala de aula; entre a rejeição e a aceitação da tecnologia; entre o cumprimento das regras e a sua transgressão. Foi um exercício de reflexão e de autonomia:

De acordo com Freire (2008) a emancipação do sujeito, passa pelo processo do exercício da sua autonomia e esta só se faz no campo dialógico, onde não se nega a existência do outro, bem como se abre o espaço para que se construa uma ponte entre os conhecimentos formais e a cultura dos alunos e professores. Este é o grande valor da reflexão, do pensar, do interagir com o outro pelo viés da troca e da percepção do nosso meio e do processo de ensino como um ato político e social. Precisamos nos conscientizar que a maior meta da educação deve ser libertar as pessoas para que as mesmas demonstrem seus saberes através de ações que visem o bem comum, que lutem pelo respeito à diversidade, que reconheçam as diferenças e exerçam a equidade, conhecendo e praticando seus direitos e seus deveres (SÍVERES; GONÇALVES; SILVA, 2013, p. 223).

Quando se está sozinha na sala de aula, como professora substituta, não se tem para quem pedir ajuda. A gente já entra em desvantagem na classe, porque a fama de professor substituto é de que não tem autoridade, não ensina nada e só precisa segurar os alunos dentro da sala de aula. Que triste realidade! Mas eu não estava disposta a isto. Entendia e entendo a educação como função social, direito do aluno, que propicie um exercício de cidadania com autonomia e criticidade. Neste sentido, eu não poderia privilegiar o conteúdo de Ciências em detrimento das condições sociais/política/histórica da turma. Eu não podia ignorar o aluno L.M. Eu queria respeitá-lo. Eu queria ajuda-lo.

Eu queria incluí-lo. Eu queria que ele aprendesse Ciências.

Não me senti confortável transgredindo a regra de uso do celular. Acho que não agi corretamente. Hoje, com a experiência acumulada, vejo outras possibilidades, como, por exemplo, utilizá-lo como ferramenta pedagógica.

3º - EM 2015

Mudei de diretoria de ensino, nova escola, novos alunos, mais segura, desta vez trabalhando com 6º ano. Pertenciam a comunidade de Americanópolis, dominado pelo tráfico de drogas, com grande vulnerabilidade no aspecto socioeconômico, de infraestrutura e de aprendizagem. Por esses aspectos era considerada uma escola prioritária. Não fazia ideia do que tudo isso representava na prática e muito menos quais estratégias poderia adotar no planejamento das aulas. Acreditava que aluno era aluno, independente do contexto social e que conseguiria por em prática várias estratégias que aprendera na graduação. Antes de entrar nas salas de aula, me informaram que precisava de uma chave, (não era propriamente uma chave, se tratava de uma chave tipo Allen, para porta de ferro), a porta deveria ser trancada, porque os alunos fugiam da sala. Ao tocar o sinal, percebi que as crianças ficavam do outro lado de uma grade, que impediam o acesso às salas, antes que os professores entrassem nas salas. Os funcionários ficavam com eles, observando a entrada dos professores para só então liberarem os portões. Eles corriam, gritavam e empurravam-se no caminho para a sala. Assustei-me naquele momento e pensei como seria em sala de aula. Os professores gritavam para entrarem em sala e eu na porta, pedia, sem êxito, que adentrassem e sentassem. Nesse momento desceu um inspetor gritando e só assim todos entraram. Um sacrifício fechar aquela porta, mas percebi que era necessário, pelo menos naquele momento. A sala não possuía janela, apenas um vitrô com grades, logo em caso de emergência, seriam necessárias habilidades para abrir aquela porta. Quanto aos

alunos, a maioria não sentava, corria pela sala se agredindo, ia para debaixo da minha mesa, sem atender nenhuma solicitação. Jogavam objetos nos colegas como se não houvesse nenhum professor. Tentei falar normalmente, mas não me ouviam. Alguns alunos riam e comentavam: “professora eles são assim, o último professor de ciências, jogou uma mesa no P.S. e não aguentou a gente”. Não consegui fazer a chamada, pedi a um aluno para me auxiliar. Na troca de professor me assustei novamente, pois a maioria dos alunos ia para a porta e corredor, chutava as portas, mexia nos armários e jogava os livros no chão e nos colegas. Novamente muito barulho e gritos que parecia uma rebelião. Nas outras turmas o mesmo comportamento e no intervalo percebi que os professores reclamavam, xingavam os alunos, chamando-os de animais e etc. Naquele primeiro dia, fui embora com o sentimento de incapacidade e incompetência. Pensei nos inúmeros textos que li durante a graduação, lembrei-me de Paulo Freire e então precisava me inspirar e guiar para superar esse imenso desafio. Pela primeira vez, percebi que não poderia me preocupar com conteúdo, precisava mudar algumas atitudes, prioritariamente dentro da sala de aula e quem sabe fora dela. Comecei pedindo para fazermos uma roda e conversarmos um pouco. Foi difícil organizar a roda e conseguir silêncio. Pedi que cada um falasse da escola, o que gostavam e o que não gostavam. Todos queriam falar ao mesmo tempo, mas aos poucos consegui entender suas reclamações. Reclamaram muito dos professores, que eles gritavam, tratavam mal os alunos e que só passavam textos para copiar. Com relação à escola, reclamaram da quadra, que não podiam utilizar em dias chuvosos, devido à falta de telhas, o banheiro, vivia sujo, sem papel higiênico e a sala de informática não usava porque os professores só passavam textos, dificilmente saíam da sala. Aproveitei e comecei falar o que eu tinha observado com relação aos alunos e que talvez fosse um dos motivos do tratamento dos professores, mas que não estava ali para defender nem acusar ninguém, falaria por mim. Comecei a descrever o

que eles faziam e como isso tornava impossível para qualquer professor conseguir ministrar uma aula. Perguntei por que eles chutavam as portas, estragavam os livros do armário, agrediam-se em sala de aula, jogavam mesas e cadeiras no chão. Sorriram e não me responderam, então comecei falar sobre respeitar para ser respeitado pelos professores e outras pessoas. Perguntei se já tinham ido ao shopping, cinema ou passeio com a escola, me responderam que sim, perguntei como era o comportamento, se podiam chutar, correr e estragar as coisas. Responderam claro que não, vão prender a gente. Então perguntei: “Por que aqui podem estragar coisas que servem a todos?” Mais uma vez, respostas do tipo sei lá, ficamos irritados com os professores. Respondi: “Bom, se tudo é por causa dos professores e eu, não gritei, falo baixo, pedi milhões de vezes permissão para falar, pedi que sentassem que não chutassem a porta e etc. Só fui atendida agora.” Falei dos problemas que todos nós temos, do papel da escola, da quantidade de horas que permaneciam na escola convivendo com várias pessoas e que a partir de uma boa convivência na escola, levaríamos esse comportamento para qualquer lugar: casa, passeios, trabalho. A partir dessa conversa, surgiram vários pedidos, aproveitei fiz os meus. Concordaram com algumas mudanças: Quando eu entrasse na sala, não chamaria ninguém, daria um tempo para sentarem; parassem de chutar a porta, na troca de professores; praticassem atitudes do tipo não gritar, arremessar coisas nos colegas. Em contrapartida, toda semana iríamos à sala de informática, realizaríamos atividades na área verde da escola. E a pedido da maioria, queriam brincar, jogar. Deram ideia de fazer na sala, um show de talentos e ir para a quadra. Expliquei que a quadra não poderia utilizar, porque eu não era formada em educação física, por isso a diretora não autorizaria. Prometi que podíamos fazer o show de talento na sala, em dia pré-determinado e quanto ao jogo, poderíamos usar uma área que a diretora me autorizou. Dei a ideia de um torneio de peteca ou Uno. No caminho para a escola, percebi que

não tinham espaço para brincar e conversando com eles, foi possível entender que a maioria não conseguia brincar por falta de espaço, suas casas eram pequenas, habitadas por muitos e sem quintal. Brincar na rua não era possível, devido à violência. A mudança não foi imediata, todo dia precisava lembrá-los do nosso acordo. Muitas vezes ao sair da sala para realizar uma atividade, saíam correndo e assim pedia que voltassem e eu fazia um teatro de como eles tinham que andar, era cômico, mas eficaz. Saíamos de novo e aos poucos consegui aplicar várias atividades. Dessa forma criei um vínculo afetivo, aos poucos me respeitaram e assim faziam tudo que eu pedia. Das cinco turmas, apenas uma não consegui realizar todas as atividades propostas, houve uma melhora, mas algumas atividades ainda era inviável devido ao comportamento. Observei que eles continuavam agressivos e desinteressados com os demais professores e ainda causei uma antipatia, por parte dos professores, devido a algumas atividades que fazia extraclasse.

Segundo Farias et al. (2009), a aula é concebida como espaço-tempo coletivo de construção de saberes, de relações, encontros e trocas.

A ação educativa para a autonomia e a consciência crítica desenvolve-se na interação com o outro de forma dialógica, intencional, política e, necessariamente, dialógica (GADOTTI, 2004). A aula fica sendo, pois, o fruto de ensaios, acertos e erros, da construção e reconstrução dos modos de ser, sentir e conviver; do empenho, do estudo e da paciência histórica; enfim, do reconhecimento do professor e dos alunos como autores e atores do processo de formação humana e de produção cultural (VEIGA, 2008; cf. FARIAS, et al. 2009, p. 157).

Neste sentido, entendo que a educação / ensino de Ciências tem um papel importante na formação integral do aluno, para a constituição de um cidadão crítico, autônomo, criativo e

comprometido com a transformação da sociedade. E para isto é preciso ousadia, como recomenda Paulo Freire (2000, p. 10):

É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais.

Senti-me ousada, em alguns momentos. Na segunda experiência, quando emprestei o celular para o aluno L.M. Na terceira experiência, quando fiz a roda para conversar com os alunos e quando realizei atividades extra sala de aula, ganhando olhares “tortos” de outros professores.

Olhando para as três experiências, percebe-se um caráter processual e dinâmico, com ações complexas / inesperadas e não lineares. Assim, durante estes últimos três anos de prática como professora substituta, precisei refletir, pesquisar, buscar alternativas e fomentar mudanças na sala de aula o tempo todo:

O professor desenvolve sua atividade profissional e se constitui como tal, também e principalmente, no espaço escolar. A escola, como local de trabalho, é a expressão micro da totalidade do contexto social e histórico em que ele exerce com plenitude sua ação. (...) É no trabalho e pelo trabalho que o professor se define como um profissional. A multidimensionalidade do processo educacional requer do docente decisões complexas e diversificadas, de natureza pedagógica e política, que, em grande parte, extrapolam o espaço escolar. Tais decisões tomam como referencia o conjunto de valores, crenças, hábitos e normas que determinam o que este grupo social considera importante, assim como os modos de pensar, sentir, atuar e de se relacionar. Noutras palavras, apoiam-se na cultura docente que integra a cultura escolar (FARIAS, et al, 2009, p. 69).

Realizando este trabalho, observei que a minha identidade de professora está sendo construída a partir do processo sócio-histórico, tendo como elementos determinantes a minha história de vida, a minha formação no curso de licenciatura e a minha prática no Pibid e como professora substituta.

4 - CONCLUSÃO

De aluna de Licenciatura de Ciências até as experiências vivenciadas dentro do âmbito escolar, a trajetória, desde a escolha da profissão até a prática docente, as inspirações, dentre outros foram relatados neste trabalho.

A autora fez uma narração de suas experiências na prática docente, onde pôde descrever suas aspirações, suas práticas relacionadas à teoria aprendida, fazendo uma reflexão acerca de seus anos iniciais como docente.

Tal narração foi de fundamental importância para que a autora conseguisse expressar seus sentimentos, suas angústias, seus maiores desafios, suas realizações, seus medos, dentre outros. Agregar os conhecimentos adquiridos durante o curso e a experiência com a prática docente, dentro do ambiente escolar, desde o segundo semestre da licenciatura, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, proporcionou enriquecimento para a formação acadêmica da autora.

Um fator marcante foi perceber que alguns dos percalços enfrentados pela autora foram ocasionados por seus professores do curso de Licenciatura. Outra dificuldade, foram os primeiros contatos com os seus educandos de Ciências, uma vez que, conquista-los para o ensino foi uma tarefa desafiadora.

Conclui-se que, quando se faz um trabalho firmado em sua própria vida é possível observar todo o seu percurso, relembrar fatores marcantes em sua trajetória, pessoas importantes, os conhecimentos adquiridos, o início da prática docente, enriquecer sua formação acadêmica, visando sempre melhorar como pessoa e como profissional, utilizando as dificuldades encontradas para o aprendizado.

REFERÊNCIAS

- BROCKMEIER, Jens. Remembering and forgetting: Narrative as cultural memory. **Culture & Psychology**, v. 8, n. 1, p. 15-43, 2002.
- FARIAS, I. M. S. et al. **Didática e Docência**: aprendendo a profissão. Brasília-DF: Liber Livro, 2009.
- FREIRE, P. **Professora, sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2000.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez-Instituto Paulo Freire, 2004.
- HERMANS; Hubert JM; HERMANS-JANSEN, Els. **Self-narratives**. New York: Guilford, 1995.
- LIMA, A. P. B. O bem, o bom e seus reflexos na educação. **Humanidades & Tecnologia em Revista**, v.7, n. 7, p.81,dez., 2013.
- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores**: para uma mudança educativa. Trad. Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999. (Coleção Ciências da Educação - século XXI).
- MARRE, Jacques Leon. História de vida e método biográfico. **Cadernos de sociologia**, v. 3, n. 3, p. 89-141, 1991.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A Colônia Brazilianista**: História Oral de Vida Acadêmica. São Paulo: Nova Stella, 1996.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001.
- NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In. NÓVOA, Antonio. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1992.
- NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (Orgs.) **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. dos Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988.
- PÉREZ GÓMEZ, Angel. Las funciones sociales de la escuela: de la reproducción a la reconstrucción crítica del conocimiento y la experiencia. Gimeno Sacristán y Pérez Gómez, **Comprender y transformar la enseñanza**, p. 17-33, 1992.
- PERRENOUD, Phillippe; NÓVOA, António; FARIA, Helena. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. 1993.
- WANG, Qi; BROCKMEIER, Jens. Autobiographical remembering as cultural practice: Understanding the interplay between memory, self and culture. **Culture & Psychology**, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2002.
- QUEIROZ, M.I. **Relatos orais**: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON... von? conferir nome completo (Org.) **Experimentos com Histórias de Vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice.Revista dos Tribunais, 1988.

SÍVERES, L.; GONÇALVES, M. C. S.; SILVA, R. J. B. Representações docentes acerca de sua formação: conhecimentos pedagógicos ou construtores de cidadania? **Humanidades & Tecnologia em Revista**, v.7, n. 7, p. 35 ,dez., 2013.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. **Os professores e a sua formação**, v. 2, p. 77-91, 1992.

SOUZA, Elizeu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, v. 25, n. 11, p. 22-39, 2015.

Mini-curriculum

Ana Lúcia Carvalho Valiengo:

Mestranda em Ensino de Ciências pela UNIFESP, Diadema-SP, licenciada em Ciências Plena, habilitação Biologia, pela UNIFESP, Diadema-SP. Professora substituta da disciplina de Ciências da rede estadual de São Paulo. E-mail: avaliengo@unifesp.br

Marilena Souza Rosalen

Doutora em Educação, professora do Programa de Mestrado de Ensino em Ciências da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. E-mail: marilena.rosalen@unifesp.br